

Líderes evangélicos atenuam rispidez contra Lula, mas criticam falas raivosas

Pastores que em 2022 apoiaram Bolsonaro apontam o que veem como altos e baixos do governo

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Não que dê para dizer que o azevedo de líderes evangélicos com Lula (PT) passou. Mas a mudança do grupo na campanha eleitoral, que já havia dado sinais de regresso após a vitória sobre Jair Bolsonaro (PL), abrandou passado um ano de mandato do petista.

A Folha conversou com sete pastores de calibre regional ou nacional, mais um ex-presidente da bancada evangélica, todos alinhados com Bolsonaro em 2022. Apenas Silas Malafaia disse não ver nada de bom na terceira incursão à lista no Palácio do Planalto. Malafaia, que em 1989 votou em Lula no segundo turno e em 2022 chegou a aparecer em sua propaganda eleitoral, é tido como terreno recuperável para o presidente. Pares seus, contudo, reservam um tom mais agudo: ce em seu balanço, apontam o que veem como bolas fora sem desmentir acertos da nova gestão.

“Este primeiro ano vem me surpreendendo positivamente”, diz Galdino Júnior, presidente do Ministério Santo Amaro da Assembleia de Deus. “É claro que não existe governo perfeito, mas, como um líder conservador que no ano passado não votou em Lula, podemos destacar mais pontos positivos do que negativos.”

Entre atos fortuitos e coloco a equipe ministerial, com destaque para o vice Geraldo Alckmin (PSB), que já tinha apreço no meio evangélico quando era rival declarado do agora camarada petista. “Ele foi a melhor indicação para o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços.”

Galdino também enxerga “mais equilíbrio político nas negociações para passar as pautas do governo no Congresso Nacional”, sobretudo a reforma tributária. O chamado centro, de onde vem o grosso dos parlamentares evangélicos, tem engordado seu espaço na Esplanada.

A posição de Galdino espelha um perfil comum nessa casta religiosa, influente sobre colegas à frente de igrejas menores: conservadora nos costumes e liberal na economia. Como ele, outros pastores criticaram o governo por, no



Presidente Lula em ato com evangélicos em 2022; ele já fez mea-culpa sobre como a esquerda lida com o grupo. Ricardo Stuckert

“A aprovação dele não melhorou entre evangélicos porque, quando ele ganhou, todos esperavam o Lula paz e amor para unificar o país. Já dizia Ulysses Guimarães, política não se faz com o fígado, e sim com a cabeça. Não se conserva rancor, a pátria não é capanga de ninguém”

Cezinha de Madureira, deputado federal pelo PSD-SP

apagar das luzes de 2022, anunciar medidas como a reconstrução da folha de pagamento como forma de encerrar o rancor nas contas públicas. Seu avesso, a desoneração, começou a ser implantado no primeiro ano de Dilma Rousseff (PT) no poder — a ideia era dar mais competitividade a alguns setores da economia com uma carga tributária mais relaxada. Mas, de modo geral, o cenário econômico agradou os pastores. O crescimento do PIB acina das expectativas do mercado, que ajudou o Brasil a se estabelecer como a nona economia do planeta, e a queda do desemprego e da pobreza mereceram elogios do apóstolo César Augusto.

Lula, da gestão Fronte da Vida, integrou mais de uma vez a comissão evangélica que frequentava o Planalto bolsonarista.

Não que, para ele, o céu seja só de brigadeiro neste primei-

ro ano do Lula 3. Durante o ataque em 2022 por muitos dos líderes que hoje o cobram por uma postura mais conciliatória, o chefe do Executivo teria dobrado a aposta na polarização.

Augusto desaprova declarações que, a seu ver, “em vez de tentar unir o país, incentivam ainda mais as divisões políticas, com atitudes voltadas à sua base mais à esquerda, desprezando o fato de ter ganhado a eleição com diferença menor do que dois pontos percentuais sobre Bolsonaro”.

O deputado federal Cezinha de Madureira (PSD-SP), que já liderou o bloco evangélico no Congresso, diz que o empenho de Lula em pacificar o país não convenceu.

“A aprovação dele não melhorou entre evangélicos porque, quando ele ganhou, todos esperavam o Lula paz e amor para unificar o país. Já dizia Ulysses Guimarães, po-

lítica não se faz com o fígado, e sim com a cabeça. Não se conserva rancor, a pátria não é capanga de ninguém”.

A perseverança de certa distância da liderança com o petista se espelha na avaliação arcaica que a base de esquerda, 38%, e considera ruim ou péssimo, contra 32% da média nacional.

O presidente chegou a acenar a essa parcela religiosa, fazendo uma mea-culpa sobre a maneira como o esquadrão do grupo nos últimos anos.

“Temos que aprender para conversar com essa gente. Que é gente trabalhadora, gente de bem, gente que muitas vezes agradece à igreja por ter tirado o marido da cadeia para cuidar da família”.

Mas a estratégia de Lula em achar que pode lidar diretamente com o povo evangé-

co, cortando a mediação de grandes pastores, seria uma falada. Os fiéis estão atentos ao que se prega no púlpito, o que se reflete no apoio em peso a Bolsonaro nos dois pleitos passados, avaliam os líderes. Ainda que persista na retórica governista, em termos práticos, o presidente deixou em suspenso toda uma cartela de causas progressistas que muitos aliados esperavam ver avançar. Porito para Lula, dizem os cabeças evangélicos. Se insistisse em pautar questões como aborto ou drogas, o bumerangue voltaria direto para ele.

Há um tropeço difícil de relevar para César Augusto e Edson Rebastini, presidente do Conselho de Pastores de São Paulo, uma das entidades que representa o corpo pastoral no estado. Desprezou a posição sobre o massacre de israelenses em outubro, “ao não chamar o Hamas de grupo terrorista e igualar os lados, dizendo que Israel está fazendo um genocídio”, diz Rebastini.

É uma questão cara a muitos evangélicos, que têm uma leitura messiânica sobre o papel do Estado israelense na contemporaneidade.

Outra frustração, esta tratada nos bastidores do poder evangélico, foi Jorge Messias, advogado-geral da União, ter sido preterido para o STF (Supremo Tribunal Federal). Não que fosse o nome dos sonhos dessa ala de pastores, mas ao menos é evangélico.

Quem entrou na corte, em compensação, foi um nome que Lula chegou a definir, em tom de palhaçada, seu indicado: Flávio Dino, como um “comunista do bem”. Isso a palavra maldita para vários evangélicos, que associam comunismo a valores antirreligiosos.

Reverter a rejeição dos evangélicos é um caminho pedregoso, mas não sem volta, segundo os pastores que a reportagem escutou, à exceção de Malafaia. Alguns só topam falar em animismo por entenderem que, agora, o pedido ideológico em apoiar Lula nas igrejas é mais alto do que no passado.

Elas são as favoráveis a abrir canais de diálogo com o governo, evocando tanto princípios religiosos (uma mensagem bíblica ordena que todos orem pelas autoridades da vez) quanto laicos.

Bater de frente com o Executivo, afinal, pode ser um tiro no pé para pastores evangélicos, que não se limitam à agenda moral. Basta lembrar das questões tributárias que envolvem isenções variadas para templos.

O que une a chamada de fisiologismo histórico desse grupo cristão, outros preferem definir como uma conduta conciliadora e pragmática.

Receio de paparazzi fez Moraes desistir de treinar em academia do Exército

Fabio Victor

SÃO PAULO O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), disse que um dos motivos de ter recusado o convite para voltar a fazer exercícios físicos numa academia do Exército foi o receio de ser importunado por paparazzi.

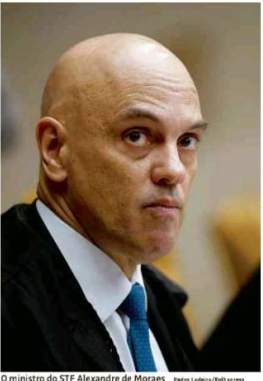
O magistrado começou a treinar na academia do Comando Militar do Planalto a convite do general Fernando Azevedo e Silva, primeiro ministro da Defesa do governo Bolsonaro.

Os dois ficaram próximos nas Olimpíadas de 2016 no Rio, quando Moraes treinou. O ministro da Justiça do governo de Michel Temer (MDB), e Azevedo, comandante militar do Leste e um dos responsáveis pela segurança dos jogos, o local ficava no setor Militar Urbano, perto do quartel-ge-

neral do Exército e de onde foi instalado o acampamento que serviu de base para os golpistas do 8 de janeiro. Moraes chegava diariamente ao complexo — que conta também com uma pista de atletismo — às 6h30 e se exercitava junto com militares.

Em agosto de 2022, num dos momentos mais agudos da crise entre Bolsonaro e o Judiciário, quando o então presidente e generais aliados faziam uma campanha contra o sistema eleitoral brasileiro, Moraes recebeu um recado de que teria de interromper as idas à academia, pois o espaço estava passando por reforma.

Encafalhado, o magistrado pediu que seu ajudante de ordens — um capitão da Polícia Militar, intermediário do aviso sobre a reforma — tirasse a história de limpo. “Eu falei, reforma em agos-



O ministro do STF Alexandre de Moraes. Fábio Lacerda/Rede 900

to? Reforma costuma ser em janeiro, agora eles têm todos os testes físicos... É obviamente não estava em reforma, eu é que estava sendo reformado da academia, foi uma forma educada de eu ter sido convidado a me retirar da academia. É uma pena, academia boa, mas são águas passadas já”, contou Moraes à Folha.

Como parte de um movimento para distensionar as relações entre o Judiciário e a caserna (os integrantes das Forças Armadas são em sua maioria bolsonaristas e críticos da atuação de Moraes e do STF), o atual comandante do Exército, general Tomás Ribeiro Paiva, convidou o magistrado para voltar a usar a academia.

O ministro agradeceu, mas recusou.

“Eu não voltei porque a partir disso eu já substituí, montei meus treinos, e, obviamente agora, se eu voltar, o que vai ter de paparazzi lá tirando foto de treinar? Eu vou perder a minha tranquilidade, e mais, eu vou atrapalhar o treino dos demais”, afirmou Moraes.

O ministro não o declara, mas aliados comentam que ele tem certeza de que “desconvite” do ano passado foi uma ordem direta de Jair Bolsonaro (PL). Uma das evidências dessa versão é que o aviso sobre a “reforma” veio três dias depois da posse de Moraes como presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O evento representou um dos maiores constrangimentos públicos a Bolsonaro em seu mandato.

Num momento em que o então presidente da República atacava sem tréguas as urnas eletrônicas e as instituições, Moraes fez um discurso fervoroso em defesa do sistema eletrônico de votação e do Estado democrático de Direito.

Sem mencionar diretamente o nome de Bolsonaro (somente ao agradecer pela presença, na abertura do discurso), mandou vários recados ao chefe do Executivo. Moraes foi aplaudido de pé, em um auditório lotado de altas autoridades dos três Poderes. Bolsonaro se manteve impassível, sendo um dos raros presentes a não aplaudir.